

O professor ideal³

Introdução

Neste capítulo, vamos abordar a questão das qualidades desejáveis que o professor de línguas estrangeiras deve possuir. Estamos dividindo o conteúdo em três partes. No primeiro momento retomo a questão do ensino versus aprendizagem, mostrando a necessidade de uma compatibilidade entre os dois; não há razão para se falar no trabalho do professor se não descobirmos uma relação entre o que ele faz e o que o aluno aprende. Em seguida, faço um rápido levantamento dos infindáveis estudos que têm sido feitos para caracterizar os professor ideal de línguas estrangeiras. Finalmente na última parte, aprofundo o que considero o essencial no trabalho do professor e que pode ter um impacto na aprendizagem do aluno.

A questão ensino/aprendizagem revisitada

Há uma longa tradição no ensino de línguas de que ensinamos aos alunos uma coisa e eles aprendem outra. Cito aqui dois exemplos que, a meu ver, confirmam essa tradição. Um está relacionado à premissa histórica, já parcialmente abandonada, de que os alunos deveriam aprender sempre as quatro habilidades – escutar, falar, ler e escrever – independente dos objetivos que tivessem no estudo da língua, independente de, em algumas circunstâncias, precisarem desenvolver proficiência em apenas uma habilidade. O outro exemplo vem do debate que existiu

³ Uma versão anterior deste capítulo, em inglês, foi publicada em: LEFFA, Vilson J. Making ends meet in the classroom: The attributes of the good language teacher. *CADERNOS DO IL*, n. 12, p. 107-116, 1994.

entre aquisição versus aprendizagem, em que o professor conscientemente ensinava uma coisa ao aluno e o aluno conscientemente adquiria outra.

Considerando o contexto histórico do ensino das quatro habilidades (veja *abordagem audiolingual* no Cap. 1), a idéia de que os professores pudessem focalizar apenas a habilidade da leitura, em vez de leitura e fala, criou um dilema teórico, já que a língua era definida como fala e não como escrita. A escrita, na melhor das hipóteses, seria uma mera e pobre representação da língua, uma fotografia desfocada, sem vida e sem cor do que era o objeto real da língua. E talvez não chegasse nem a isso. Uma foto pelo menos mostra semelhança como o objeto real; a escrita, nem isso. A qualidade de reprodução da escrita é tão pobre que qualquer semelhança possível com a língua falada era perdida. Quando, por exemplo, lemos uma palavra nunca ouvida, principalmente numa língua em que há pouca concordância entre fonemas e letras, como é o caso do inglês, não conseguimos pronunciar a palavra, ou seja, não sabemos a que se refere a forma escrita, não sabemos o que ela representa. Logo, seguindo esse raciocínio, é impossível aprender uma língua através de sua escrita.

A analogia da escrita com a fotografia do objeto real fornecia um argumento imbatível para os defensores da língua como fala. Vejamos um outro exemplo. Se vejo uma foto de minha mãe, eu imediatamente a reconheço na foto. Posso me lembrar de sua voz, ainda que a foto não seja sonora; da cor de seus olhos, ainda que a foto não seja colorida. Mas se olho para a foto de uma pessoa que nunca vi antes, a foto vai me dizer muito pouco. Não dá para saber como realmente é a pessoa e posso ser facilmente enganado pelo que penso ver na foto. A pessoa pode ser mais velha ou mais jovem do que parece. O que posso discernir sobre a personalidade da pessoa? Será entusiástica? Criativa? Inteligente? Ambiciosa? Generosa? Egoísta? Não posso obter todas essas informações apenas pelas informações da foto.

Há, portanto, uma grande diferença entre ver uma foto de alguém que já conhecemos e alguém que nunca vimos antes. Assim, seguindo a linha de

raciocínio, se lemos uma palavra que já conhecemos, uma palavra que já ouvimos e falamos, podemos reconhecê-la imediatamente – e reconstruir todas as associações entre aquela desfocada representação da palavra impressa na página e a rica experiência de vida que está além dela. Por outro lado, se for uma palavra que nunca vimos não podemos saber como realmente é esta palavra. Temos uma experiência artificial, vicária da língua.

Tudo isso levou ao princípio pedagógico de que na aprendizagem da língua as habilidades não devem ser apresentadas ao mesmo tempo, mas em seqüência, dentro de uma ordem de aprendizagem. Primeiro, ouvimos a língua, depois a falamos, depois a lemos e finalmente a escrevemos. Em nenhuma circunstância, independente de qualquer objetivo que se possa ter, essa ordem pode ser quebrada. “O princípio [fala antes da escrita] deve ser obedecido, mesmo quando o objetivo seja apenas ler.”

A idéia de que os alunos secundários deveriam adquirir apenas a habilidade da leitura em língua estrangeira teve uma aceitação muito grande nos Estados Unidos, como vimos no Capítulo 1. A hipótese de que compreensão oral seria necessária para a leitura foi testada várias vezes.

A primeira grande investigação (Coleman, 1929) foi realizada na década de 20, envolvendo milhares de escolas e centenas de universidades, tanto nos Estados Unidos como no Canadá. A conclusão deste estudo foi de que os alunos lêem melhor uma língua estrangeira se a habilidade da leitura foi enfatizada na escola. O segundo estudo foi conduzido na década de 40 (Agard & Dunkel, 1948). Conclusão: os alunos lêem melhor uma língua estrangeira se a habilidade da leitura for enfatizada na escola. O terceiro estudo, conhecido como The Pennsylvania Foreign Language Project (Smith, 1970), foi conduzido na década de 60. Conclusão deste estudo: os alunos lêem melhor uma língua estrangeira se a habilidade da leitura for enfatizada na escola. Tudo isso sugere, em termos de escrita versus leitura, que os alunos aprendem aquilo que lhes for ensinado: ensine a ler e eles aprenderão a ler; ensine a falar e eles aprenderão a falar.

A idéia de uma correlação entre ensino e aprendizagem está desacreditada na pedagogia atual e tem o apoio de áreas afins como a Psicologia e a Lingüística – em que pese algumas vozes tímidas de abordagens metacognitivas (Cohen, 1998; Hosenfeld, 1981; Solé, 1998), que defendem o ensino consciente das estratégias de aprendizagem. É no mínimo ingênuo, se não perigoso, deixar o professor pensar que seu ensino possa gerar uma aprendizagem correspondente no aluno quando há tantas outras variáveis atuando na sala de aula

Na Lingüística, e na aprendizagem de línguas em particular, a dicotomia deixou de ser entre ensino e aprendizagem; introduziu-se uma distinção mais complexa, dando mais crédito ao que é inconsciente. Refiro-me aqui à dicotomia aquisição/aprendizagem. Pode-se até aceitar a idéia de que haja uma correspondência entre uma e outra, mas o que os alunos aprendem conscientemente não é importante. O que é importante é o que eles adquirem – e o que eles adquirem é diferente do que eles aprendem.

Retoma-se a idéia da ordenação (“learning order” em inglês), não mais no âmbito da aprendizagem mas no próprio âmbito da aquisição. Passou-se a defender a idéia de que as pessoas adquirem uma segunda língua numa determinada ordem. No caso da aquisição do inglês, por exemplo, a forma _ING, o passado irregular e a terceira pessoa do singular são sempre adquiridos nessa ordem, independentemente de onde venham os sujeitos ou de qual seja sua língua materna. A idéia é de que a chamada “ordem natural de aquisição” é totalmente refratária a qualquer instrução formal da sala de aula; mesmo que o professor ensine ao seu aluno a terceira pessoa do singular antes da forma _ING, o aluno não vai adquirir esses dois morfemas na seqüência em que foram ensinados, mas na seqüência oposta, de acordo com a ordem natural. Em outras palavras, o ensino não afeta a aquisição. Na melhor das hipóteses pode acelerar a aquisição e talvez melhorar o desempenho do aluno em termos de correção gramatical, o que seriam considerados aspectos marginais. O aspecto crucial da ordem natural de aquisição é imune ao ensino.

De certo modo, a idéia antiga de que era preciso ensinar os alunos a falar uma língua estrangeira para que eles aprendessem a ler nessa língua – o professor ensina uma coisa e o aluno aprende outra, na dicotomia ensino/aprendizagem – evolui para uma tricotomia: o professor ensina uma coisa, o aluno aprende outra e adquire uma terceira. A aquisição dá-se através de uma caixa preta, tecnicamente conhecida como Dispositivo de Aquisição da Língua (Language Acquisition Device – LAD – em inglês), que é ativada automaticamente, sem controle da consciência, quando ocorre input lingüístico no ambiente em que se encontra o sujeito. A aquisição da língua dá-se, portanto, de modo incidental, onde o aluno conscientemente faz uma coisa e inconscientemente adquire outra.

O objetivo – ambicioso – deste capítulo é propor uma abordagem que reduza a polaridade entre o que o professor ensina e o que o aluno aprende. A premissa – ainda mais ambiciosa – é de que embora muitas das atividades feitas pelo professor estejam abaixo do nível da consciência, algumas delas pelo menos possam ser trazidas para a arena aberta da consciência. Pode-se argumentar também que ao lado de uma ênfase no papel do inconsciente, existe um movimento contrário de valorização da consciência, incluindo aí o que tem sido proposto em termos de ensino de estratégias de aprendizagem (Solé, 1998; Oxford, 1989; Cohen, 1998); a idéia de que a consciência desempenha um papel mais importante na aquisição da língua do que originalmente aceita (Schmidt, 1990); o papel da conscientização no ensino de línguas estrangeiras e a idéia do professor como um profissional reflexivo (Wallace, 1991).

O argumento principal, no entanto, talvez seja a ênfase dada ao aspecto afetivo; no fundo, defendo a idéia de que a paixão é o caminho mais curto para aproximar a ação do professor dos resultados desejados. Para isso proponho aqui como atributos básicos do professor ideal três características: (1) criatividade, (2) intuição e (3) paixão.

O professor como ele deveria ser

Antes de entrar nas três características básicas que estou propondo para o professor ideal de línguas estrangeiras, gostaria de fazer uma breve resenha do que diz a literatura nessa área.

O ensino de uma língua estrangeira exige do professor determinadas qualidades, umas mais óbvias do que outras. A mais óbvia de todas é que o professor deve conhecer o conteúdo daquilo que ensina; deve também possuir uma metodologia adequada para transpor esse conteúdo para o aluno e, finalmente, deve ter determinados traços de personalidade para facilitar todo esse processo de aprendizagem.

Segundo Lund & Pedersen (2001) não faltam sugestões de quais seriam essas qualidades. No domínio do conteúdo, por exemplo, podemos encontrar indicações de que o professor deve conhecer a língua que leciona e sua respectiva cultura. Dentro da língua, deve conhecer, idealmente, sua história, os diferentes registros de uso, desde a língua informal falada até a língua formal escrita, além de um bom domínio da gramática. Entre os aspectos culturais, é desejável que o professor tenha algum conhecimento da história do povo cuja língua ensina e que tenha lido pelo menos as principais obras de sua literatura,

Também não faltam indicações do que o professor deve saber em termos de abordagens, metodologias e técnicas de ensino. O que segue é a lista de um levantamento feito no estudo clássico de Politzer & Weiss (1971); o bom professor de línguas estrangeiras:

- conhece psicologia educacional;
- sabe motivar os alunos;
- produz input adequado ao nível dos alunos;
- estabelece objetivos claros;
- envolve os alunos;
- avalia com imparcialidade;
- incentiva participação;
- sabe dar feedback;
- possui domínio de classe;
- sabe preparar materiais de ensino;
- tem uma filosofia de educação;

Finalmente, em termos de traços desejáveis de personalidade, os inúmeros levantamentos feitos junto aos alunos, têm demonstrado, entre outros aspectos, que o bom professor de línguas estrangeiras:

- é paciente;
- é flexível;
- tem mente aberta;
- é tolerante;
- tem senso de humor;
- gosta de ensinar;
- tem entusiasmo;
- é honesto;
- é criativo;
- é eficiente;
- tem autodisciplina;
- assume a autoridade quando necessário;
- é prestimoso;
- é humilde;
- é organizado;
- inspira os alunos;
- é competente;
- é sensível;
- tem calor humano.

Deixando de lado os aspectos mais óbvios, como aqueles que se relacionam ao conhecimento do conteúdo e de uma metodologia de ensino, eu gostaria de retomar e aprofundar algumas das características psicológicas do professor, com ênfase no domínio afetivo e fixando-me em três aspectos: (1) *criatividade*, já citado na literatura como uma qualidade desejável; (2) *intuição*, não diretamente citado mas que pode ser percebido na afirmação de que o professor deve ser “sensível”; e (3) *paixão*, também não citado diretamente mas percebível em termos como “gosta de ensinar”, “tem calor humano” e “mostra entusiasmo”. Vejamos cada um desses aspectos.

Criatividade

O ensino da língua estrangeira é mais uma arte do que uma ciência e o professor cria a partir daquilo de que dispõe na sala de aula. Um artista não precisa

de muita coisa para criar uma obra-prima – às vezes nada mais do que um cinzel, um martelo e um bloco de pedra. Às vezes, quanto menos se tem, melhor é a obra, que pode sair mais densa e enxuta. Na sala de aula, portanto, podemos definir criatividade como a capacidade de explorar os recursos limitados de que se dispõe para criar um número ilimitado de condições de aprendizagem. Tal como o bloco de pedra, que oferece inúmeras possibilidades ao escultor, uma sala cheia de alunos pode ser uma fonte de inspiração para o professor como artista.

Como supervisor de estágio, tenho observado centenas de aulas e tenho assistido a algumas que são verdadeiras obras de arte – do mesmo modo que uma pintura, uma peça musical ou uma obra dramática. Sentado no fundo da sala, vi alguns professores produzindo com seus alunos o que realmente se poderia chamar de uma obra prima.

Uma aula tem componentes espaciais e temporais; não só acontece dentro de quatro paredes, como também acontece num espaço de tempo, envolvendo o encontro de pessoas que interagem entre si, exercendo diferentes papéis, falando como alunos e como professor. A aula como arte, pode estar centrada no professor, no aluno ou na tarefa que esteja sendo executada. Não privilegia necessariamente o aluno sobre o professor. Às vezes pode até estar centrada no professor.

Lembro de um professor que tinha uma grande capacidade de criar um ritmo em sua aula. Era um professor que se poderia classificar de tradicional, na medida em que todas as atividades de aula emanavam dele. Mas não agia como um sargento dando ordem unida; na verdade parecia mais um maestro conduzindo uma orquestra, fazendo com que todos os músicos participassem, uns mais outros menos, mas cada um tocando seu instrumento. O professor desenvolvia um conteúdo específico, e todas as perguntas dos alunos eram reconhecidas rapidamente e incorporadas ao conteúdo. Conseguia fazer com que os alunos dessem o melhor de si, talvez porque também desse a eles o melhor de si – de modo que parecia haver na aula um contrato implícito de que se aceitaria apenas o

melhor de cada um. Não percebi qualquer sinal de angústia ou ansiedade entre os alunos. As atividades fluíam serenamente, como fluem as notas musicais de uma sinfonia. No final da aula, aquela sensação agradável de que tinham realizado alguma coisa.

Admito que a descrição oferecida acima seja extremamente subjetiva, mas espero que não seja inútil. Foi um rápido exemplo de aula como arte nas mãos de um professor experiente. Tal como o personagem Santiago em *O Velho e o Mar*, esse professor conhecia todos os truques de sua profissão e sabia usá-los para criar sua aula, como o compositor usa seu conhecimento dos instrumentos para criar uma música, como o escultor usa sua habilidade com o cinzel para criar uma estátua.

O ensino como uma arte não deve, no entanto, ser um atributo exclusivo do professor experiente. Vi também muitos professores principiantes usando muita criatividade em suas aulas. O que segue é apenas um exemplo.

Sexta série do ensino fundamental, cerca de 35 alunos na sala, uma tarde quente. A aula estava pela metade e os alunos trabalhavam em um diálogo sobre o que gostavam e não gostavam, com um foco gramatical no uso de pronomes. A professora, que parecia quase da mesma idade dos alunos, abre uma pasta e mostra um pôster de um cantor popular. Reação imediata dos alunos, uns aprovando e outros reprovando. Outro pôster é apresentado, com uma reação semelhante, só que desta vez com resultados invertidos: os alunos que gostaram do primeiro pôster detestaram o segundo e vice-versa. Era exatamente o que a professora queria. Dividiu a aula em três grupos: os que preferiam um cantor, os que preferiam o outro e os que não tinham preferência.

Cada aluno em cada grupo deveria escrever duas frases relacionadas entre si, usando as preferências e rejeições em suas famílias, com o vocabulário da unidade em que estavam trabalhando. A professora deu alguns exemplos (no caso em língua inglesa):

My mother likes Roberto Carlos. I can't stand him.
My sister likes the Ramones. She thinks they are terrific.

Com alguma supervisão da professora, os alunos foram solicitados a criar suas próprias frases, que eram recolhidas, dobradas e colocadas num caixa de sapato. A professora então explicou que eles fazer um jogo e demonstrou as regras. Um aluno de um dos grupos viria para a frente da aula, pegaria um pedaço de papel da caixa, lia as duas frases silenciosamente e deveria então interpretar a frase para os membros de seu grupo, usando apenas gestos. Os membros do grupo tentariam adivinhar o que estava escrito produzindo em voz alta diferentes frases durante até um minuto. Se conseguissem adivinhar qual era a frase, o grupo ganhava um ponto. Depois um outro aluno do de um outro grupo viria para a frente e repetiria o procedimento para os membros do seu grupo. O jogo continuaria usando cada vez um aluno diferente. O grupo com o número maior de pontos seria o vencedor. Durante cerca de 20 minutos os alunos ficaram conversando naquela aula, gostando do que estavam fazendo e provavelmente aprendendo muitas, incluindo os pronomes da língua inglesa.

Gostaria de terminar esta parte sobre criatividade, parafraseando Emily Dickinson, poetisa americana do Século XIX:

Para ser criativo na sala de aula o professor precisa de alunos e de uma lousa, mas se não tiver uma lousa, bastam os alunos.

Intuição

Vejamos agora o segundo dos nossos atributos desejáveis, que vou chamar de *intuição*.

Podemos definir *intuição* como a capacidade de fazer conexões; quanto mais conexões se fizer, mais intuição se tem. De certa maneira, a intuição implica a habilidade de reconstruir dentro de nós o mundo externo, de modo a maximizar nossas relações com este mundo. A habilidade de se adaptar às circunstâncias, de perceber as relações entre aspectos teóricos e o que acontece na sala de aula, de identificar num conjunto complexo de variáveis aquela que pode influir na

aprendizagem de um determinado traço lingüístico são, a meu ver, indícios da intuição.

Uma vez se acreditava que a língua era feita de palavras. Mais tarde, fomos informados de que a língua era feita de sons. Com Chomsky, recebemos a garantia de que a língua era feita de sentenças, que eram geradas e transformadas da estrutura profunda pela aplicação de certas regras. Com o advento da pragmática, nos disseram que a língua era feita de eventos comunicativos. Posteriormente suspeitamos que a língua seja feita de sintagmas lexicais; não adquirimos uma língua criando regras, mas absorvendo esses fragmentos pré-fabricados da língua. Como será no futuro?

Parece que precisamos de intuição não apenas para compreender o passado e relacioná-lo ao presente, mas principalmente para prever o futuro. Em termos da disciplina que lecionamos como será o futuro daqui a uma década? Será que nossos alunos querem ou precisam do que temos para lhes oferecer? Parece que o ensino da língua é sempre afetado pela tecnologia que temos à disposição. Até agora a chegada de uma nova tecnologia – rádio, gravador de áudio, gravador de vídeo, computador, correio eletrônico, máquina de fax, CD-ROMs, tem não apenas modificado a maneira como ensinamos a língua, mas também, permanentemente, aumentado a necessidade de aprender uma língua estrangeira. Cada vez mais alunos, a cada ano, sentem a necessidade crescente de reservar umas horas no meio de suas outras disciplinas para estudar uma língua estrangeira. A maioria deles não porque gosta, mas porque sente a necessidade de.

Como será no futuro? Seguiremos a mesma tendência? No caso do inglês, terra essa língua se tornado tão invasiva, tão onipresente que será usada por todos como uma língua franca, ou será que surgirá uma nova tecnologia, como a tradução automática e instantânea, tornará desnecessária a aquisição de uma nova língua? Algumas atividades, relacionadas ao nosso campo de trabalho, provavelmente serão feitas por máquinas num futuro não muito distante, incluindo muitas tarefas de tradução, como cartas comerciais e boletins de previsão do tempo.

Outras atividades mais próximas do nosso campo de trabalho também serão afetadas pelas tecnologias emergentes. Até agora a interação professor/aluno só era possível com a atividade do professor. Até recentemente as tecnologias disponíveis podiam apenas apresentar conteúdo para os alunos, às vezes com a ajuda de som e animação, mas essas tecnologias em si não reagiam ou se transformavam para atender as necessidades específicas do aluno. Agora também isso está mudando. O vídeo interativo e programas de computador, com preços cada vez mais acessíveis, podem se adaptar ao estilo de aprendizagem do aluno e simular muitas das atividades do professor. Assim, provavelmente teremos que nos adaptar a este novo mundo. Muitas das coisas que ainda precisamos fazer talvez se tornem desnecessárias, o que poder ser bom porque nos dará tempo para outras coisas mais interessantes.

Na minha percepção, esses aspectos se relacionam à intuição porque chegamos a eles ligando um ponto com outro e fazendo projeções sobre o futuro. Podem parecer confusos e caóticos, mas devem ter um padrão recursivo – que poderá ser percebido através da intuição.

Paixão

Paixão é entusiasmo pelo que se faz, e *entusiasmo*, como todos sabemos, é uma palavra que em sua origem grega significa “ter Deus dentro de si”. Paixão é um estado de espírito ou, se preferirem, um estado de coração. Não é algo que vem de fora; é algo que está dentro de nós. Pode ser às oito horas de uma manhã de segunda-feira ou às duas horas de uma tarde quente e abafada.

Quando temos paixão podemos mais facilmente mudar as coisas que nos cercam, e que não nos agradam, do que ser mudado por elas. Isso é assim porque não somos afetados pelas coisas que não vemos; se não vemos o fracasso e a derrota eles não existem para nós. Não podemos ser afetados por algo que nos é totalmente estranho. Não interagimos com o mundo como ele é, mas como nós o

percebemos. Se percebo meus alunos agressivos como seres humanos e sensíveis, e os trato com toda delicadeza e respeito, minhas palavras tocarão esses alunos de um modo mais efetivo. É até provável que no fim sejamos, consciente ou inconscientemente, mudados pelo mundo que nos cerca, mas será um mundo que já foi alterado pelo nosso desejo.

Admito que isso possa ser idealístico e talvez impraticável, se não ingênuo. De fato pode ser perigoso, porque na nossa ingenuidade podemos ser destruídos pelo mundo que não queremos aceitar. Não posso chegar ao ponto de adotar a filosofia de Hemingway em *O Velho e o Mar*, e afirmar que o homem pode ser destruído mas não vencido. Não vejo razão para destruir o professor, mesmo argumentando que suas idéias permanecerão vivas. Mas também não posso aceitar a idéia de que o professor seja ameaçado de destruição por tentar mudar o mundo. Acredito que não correrá este perigo, principalmente se combinar a paixão com os dois outros atributos apresentados: criatividade e intuição.

O segredo da paixão é que ela afeta o sentimento das pessoas e por isso as envolve. As pessoas não aprendem se não forem envolvidas. A idéia do envolvimento como pré-requisito da aprendizagem vem de longe, aparentemente da Antiga China, provavelmente de Confúcio:

Diga-me e eu esqueço
Ensina-me e eu lembro
Envolve-me e eu aprendo.

Conclusão

Meu principal objetivo neste capítulo foi argumentar que é possível diminuir a diferença entre o que o professor ensina e o que o aluno aprende se os professores possuírem o que considero os três atributos fundamentais de nossa profissão: criatividade, intuição e paixão.

Em termos de criatividade, meu argumento principal é de que as coisas não vêm prontas para as nossas circunstâncias; temos que criar as condições para

que a aprendizagem ocorra, usando os recursos que temos num determinado momento numa determinada aula.

Em termos de intuição, enfatizei a idéia de que devemos tentar prever o futuro imediato. Devemos preparar os nossos alunos para o mundo em que eles vão viver amanhã, não para o mundo em que nós vivemos hoje.

E finalmente devemos usar a paixão para envolver nossos alunos. O domínio afetivo é muito importante e será atendido na medida em que trabalharmos com paixão.